

# Eça de Queiroz e o Brasil ou o sentimento impossível

*Luís Filipe Castro Mendes*

*Era tudo a saudade impossível de Eça de Queiroz.  
(Clóvis Ramalhete, O Culto a Eça de Queiroz)*

Conhecem os brasileiros a obra de Eça de Queiroz tão bem ou melhor do que os portugueses. O que se escreveu sobre Eça no Brasil enche bibliotecas. O culto dos seus enredos e dos seus personagens animou clubes e tertúlias, inspirou jornalistas e políticos, desafiou escritores de todos os tempos. A análise da sua obra ocupou críticos literários brasileiros das mais diversas correntes e gerações. Podemos dizer que Eça entrou evidentemente no cânone brasileiro. Mas sobretudo podemos dizer que Eça entrou verdadeiramente no imaginário brasileiro.

Esta constatação leva-nos a uma pergunta. Se é indiscutível que nos finais do século XIX, quer a nacionalidade brasileira, quer o sistema literário do Brasil (para usarmos o discutido conceito de António Cândido) se encontravam já bem definidos e autonomizados, por que razão o Brasil se reconheceu de modo tão forte na obra queirosiana, ao ponto de quase a vir incorporar no discurso da sua identidade?

Do lado português, Jorge de Sena deu a esta questão uma resposta que usarei aqui como ponto de partida e de divergência.

Dizia Jorge de Sena:

Pode parecer estranho que um grande romancista como Eça de Queiroz, sendo português, pudesse ser tão influente e tão admirado no Brasil como foi e ainda é. Mas Eça era, de certo modo, uma resposta a essa sede por Paris e pela civilização europeia que era tão predominante na sociedade brasileira; e o seu Naturalismo, quando atacava a maneira de viver portuguesa do tempo e quando a retratava satiricamente, não podia senão lisonjear a tendência brasileira de ver os portugueses como um povo atrasado e ridículo.

Não me parece ser assim: porque antes do que resposta dada por Eça a uma sede especificamente brasileira, o francesismo era não mais do que o caldo de cultura comum às elites portuguesas e brasileiras da época. E a sua impiedosa visão de Portugal (que era, como bem viu Unamuno, maneira de dizer que a pátria lhe doía) não teve, a meu ver, e nos limites desta psicanálise silvestre a que por vezes nos entregamos, qualquer leitura sádica por parte dos brasileiros (como se Eça de Queiroz fosse o mais ilustre precursor das piadas de português): teve, sim, uma leitura masoquista, na medida em que os brasileiros quiseram, também eles, vir reconhecer-se no espelho pouco lisonjeiro da obra queirosiana.

Algo semelhante sucedeu na América Hispânica, onde as traduções de Eça alcançaram grande sucesso no princípio do século XX, como testemunha, por exemplo, Jorge Luís Borges. Mas, diferentemente do que sucedeu no Brasil, a voga de Eça na América de língua espanhola foi um fenómeno passageiro, ainda que de grande público. No Brasil, irrompeu a nível dos seus leitores uma paixão desmedida pela obra, que se traduziu numa inscrição das referências a Eça fora da instância meramente literária, projectando-as em diferentes níveis da vida social e convertendo a “ecite” (termo de Monteiro Lobato) num verdadeiro fenómeno de culto.

O que quer dizer simplesmente que os brasileiros se sentiam tão postos no espelho por Eça quanto os portugueses. E não porque se sentissem portugueses: apenas porque aquela obra tocava feridas comuns, defeitos partilhados, heranças indivisas. Nessa medida ardia e curava. Assim Gilberto Freyre pôde elogiar nas *Farpas* quanto *o seu poder de empatia revela do passado, da vida e da paisagem de um Portugal que o brasileiro dificilmente consegue separar do seu próprio país*. Reconhecendo por certo ser obra portuguesa e não brasileira, visão de Portugal e não do Brasil, ainda assim o leitor brasileiro murmura consigo a velha máxima latina *de te fabula narratur*. E não da mesma maneira que qualquer grande obra nos interpela, independentemente da sua origem, que Tchekhov, por exemplo, responde a Machado de Assis ou que Fernando Pessoa está forçosamente no horizonte de qualquer poeta contemporâneo. Há na relação de Eça com o Brasil uma intimidade superior, um laço de cumplicidade que transcende os vínculos literários e se inscreve directamente no mundo da vida.

A história da recepção de Eça de Queiroz no Brasil é, com efeito, absolutamente extraordinária, configurando o que hoje chamamos um verdadeiro

culto do autor. As sociedades de amigos da sua obra que se multiplicaram e ainda hoje persistem; as expressões nele colhidas que serviram para demarcar um grupo ou um espaço social; a identificação com os seus personagens, o mimetismo do seu estilo; todos estes fenómenos, que em Portugal existiram, certamente, mas numa dimensão mais restrita e individualizada, alcançaram no Brasil aquela *dilatação* que para o nosso Autor constituía o dom essencial das coisas brasileiras. Assim, em 1915 o jovem Graciliano Ramos indignava-se no *Jornal de Alagoas* com um apedrejamento da estátua de Eça em Lisboa, considerando que tal acto assumia *quase as proporções de um sacrilégio*. E, nesse mesmo artigo, confidenciava: “Confesso ingenuamente que às vezes cheguei a perguntar a mim mesmo se não haveria em Lisboa (...) algum templo de mármore onde sacerdotes inteligentes oficiassem, prestando culto à memória do grande ímpio”. E Monteiro Lobato, numa carta de 1903: “Meu avô lê *A Cidade e as Serras*, minha irmã lê *A Ilustre Casa de Ramires*, eu leio as histórias de santos – e como somos três neste imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê Eça”.

Estranha história, bem mais complexa do que aquele enredo linear gizado por Jorge de Sena. Com efeito, mais do que a simples admiração literária, mais do que o mero entusiasmo intelectual, destes testemunhos ressalta um sentimento de fundo que o mesmo Monteiro Lobato exprimia assim: “chegamos quase à conclusão de que ele privara connosco”. É esse sentimento de intimidade vivida que nos intriga e nos apetece interrogar. Aquilo a que Clóvis Ramalhete chamava *um sentimento impossível por Eça de Queiroz*.

Não posso assim deixar de concordar com o mesmo Clóvis Ramalhete quando este nos diz que *o Brasil consagrou e adoptou Eça de Queiroz antes de Portugal*. Não é que Portugal não tenha sentido e não continue a sentir essa identificação mimética e fascinada com o universo queirosiano, ao ponto de esquecer que ele é ficção e que, como a biografia de Maria Filomena Mónica nos veio recentemente recordar, ao exprimir uma nobre revolta contra um estado de coisas, não constituía por isso mesmo uma descrição desse estado de coisas que pudesse servir-nos como fonte histórica. Isto, que devia ser uma evidência, é-nos quase uma surpresa, de tal modo nos havíamos imaginado personagens de Eça e transfigurado o nosso risível quotidiano no riso deslumbrante da sua escrita. E quando relemos o que o ressabiado Fialho escreveu sobre *Os Maias*, damos connosco a pensar que certamente a Lisboa

do seu tempo seria mais complexa do que aquilo que Eça nos contava: mas tal é o terrível poder da arte, que somos nós que queremos agora moldar o nosso passado por essa imagem! Pois sempre a vida imita a Arte, como descobriu esse outro contemporâneo de Eça que foi Oscar Wilde. E, afinal, como insinuava Gilberto Freyre no seu prefácio das *Farpas*, a arte de Eça não nos ensinará sobre nós mesmos uma outra verdade que o rigor da História não permite alcançar?

Que se passou, então? De muito ler histórias de cavaleiros andantes, um pobre senhor da Mancha chamado D. Quixote viveu a alucinação de ser um personagem mais desses romances. Este programa que Cervantes traçou para a ficção romanesca, cumpriu-o Eça com a mais genial perversidade, ao ponto de nos persuadir a todos que somos realmente figuras dos seus romances. Portugueses e brasileiros, acabámos assim fascinados pelo encantamento de uma escrita que soube convencer-nos de que era o nosso retrato vivo. Mas esse processo de identificação e projecção vivemo-lo nós, portugueses, com sentimentos misturados de admiração e de inveja, de resignação e de revolta, enquanto os brasileiros exorcizaram, como sempre fazem, em afecto e intimidade a relação identitária com esse espelho que Eça a todos nós estendeu.

E, contudo, sabemos como no princípio da carreira literária de Eça de Queiroz a sua relação com o Brasil conheceu momentos de extraordinária tensão e agressividade, catalizados por um artigo violentíssimo das *Farpas*, que, aliás, o seu autor cuidou de alterar substancialmente, quando da reedição em 1890 dos seus grandes textos satíricos no livro a que deu o nome de *Uma Campanha Alegre*. Esse artigo de 1872, *O Brasileiro*, que visava obviamente os brasileiros natos e que Eça tentou com habilidade, em 1890, transformar numa caricatura apenas dos brasileiros de torna-viagem, ressuma um sentimento de desdém pelo Brasil e uma visão caricatural dos brasileiros, que podemos encontrar noutros textos portugueses da época e nomeadamente em Camilo Castelo Branco. Nessa medida, a “relação ambígua” de Eça com o Brasil, que, como é sabido, evoluiu consideravelmente com a maturidade do escritor e, certamente, com a influência dos seus amigos brasileiros, reflectia na sua origem um preconceito e um sentimento de desprezo bastante generalizado na época, simétrico aliás de alguns nativismos brasileiros e que era tradução óbvia do ressentimento da ex-Metrópole contra a Colónia agora emancipada que chegara a ser, suprema ofensa, ela própria a sede do Império.

E sabemos também da pouca estima com que os primeiros romances do nosso Autor *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* foram apreciados por Machado de Assis. Mas o que Machado escreveu quando da morte de Eça, que era (e ele sabia-o) o seu único rival na língua portuguesa do tempo, é uma página que honra a sua memória:

Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais valido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. (...) A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas, guardar o património de Vieira e de Camões; mas cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.

E do mesmo modo que a estranheza de Machado se converteu em admiração por um universo romanesco tão diferente do seu, assim os preconceitos de Eça contra o Brasil e contra os brasileiros, bem presentes nas *Farpas*, foram sendo substituídos por sentimentos mais positivos de admiração e de identificação crescentes, ainda que sempre em relação a um Brasil imaginado, em grande parte imaginário e largamente identificado com esses amigos brasileiros que estiveram junto dele nos últimos anos da sua vida e que foram sem dúvida alguns dos espíritos mais notáveis da sua geração, mas que não deixaram de condicionar largamente a percepção que Eça de Queiroz tinha da realidade brasileira. Eram Eduardo Prado, Domício da Gama, Olavo Bilac, Joaquim Nabuco, Rio Branco... Ser condicionado na sua percepção do Brasil por homens deste gabarito terá sido um empobrecimento para o nosso Autor?

Não me parece. Até porque esse mesmo condicionamento deixa margem para dúvidas. Na famosa “carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado” sobre o Brasil pode ler-se em filigrana uma arrojada crítica da mentalidade eurocêntrica da elite cultural brasileira da época e uma antecipação desse imperativo de busca das raízes do Brasil que virá estimular os intelectuais brasileiros do século XX e a que começara já nesses anos a dedicar-se Capistrano de Abreu. Mas, por outro lado, no seu artigo de 1896 sobre a doutrina Monroe e o nativismo, Eça de Queiroz, partindo de uma ideia ainda hoje justa (a América, como projecto

autónomo, é uma criação de europeus) e de uma prevenção ainda hoje válida (o anti-europeísmo só aproveita aos interesses hegemónicos dos norte-americanos) chega a uma afirmação que nos choca, pela abissal distância a que se encontrava e encontra da realidade:

O nativismo na América Espanhola é sempre sentimento invejoso de mulato, que tem alma mulata e que falhou. Ora o Brasil *é branco, de alma branca*.

Aqui, sim, sentimos bem a influência de uma visão do Brasil transmitida a Eça pelos seus amigos da elite brasileira. Não posso deixar de recordar Joaquim Nabuco que em *A Minha Formação* se dizia dividido entre a sua alma europeia e o seu nascimento americano e compreendo que estes brasileiros da elite culta, lúcidos e apaixonadamente europeizados, representavam para Eça tudo o que fazia a grandeza e as virtudes do Brasil. Este foi o Brasil que ele conheceu e amou. E o Brasil devolveu-lhe esse tardio e talvez em parte equivocado amor com uma manifestação de entusiasmo pela sua obra e pela sua figura como raro se viu e que claramente excedeu o amor e o culto que os portugueses também lhe têm e lhe continuam fielmente a devotar. Um sentimento impossível de saudade.